



A PONTE-NOVA, E EXTREMO OCCIDENTAL DA CITÉ, EM PARÍS.

TRATANDO agora da capital da França, não recopialharemos as noticias, que vamos dar, de escriptores daquelle paiz, ou inglezes, mas d'um viajante hespanhol, ameno e judicioso, que costuma assignar-se — el curioso parlante. — (*)

(*) Imprimiu as suas recordações em 1841.

JUNHO 10 — 1843.

Todo o mundo sabe que a antiga *Lutecia* das Gallias reduzia-se em sua primeira epocha a uma ilha formada pelo rio Sena, e que subsiste hoje e é conhecida pelo nome de *la Cité*; aggregaram-se-lhe successivamente outras duas, pequenas; a de S. Luiz e a de Louvois. Andando ostempos, e não ca-
2.^a SERIE. — VOL. II.

bendo já a povoação de Lutecia em tão estreitos limites, alargou-se por ambas as margens do rio, transbordando prodigiosamente em cada seculo alem das barreiras, de fórma que pôde dizer-se hoje que o principal berço d'aquella metropole apenas se divisa entre a immensa extensão das outras duas povoações á direita e esquerda do Sena.— Este rio, pois, encerrado no meio, e atravessando actualmente a cidade em toda a sua extensão, é a arteria principal, a linha de demarcação, entre as tres principaes divisões, e a separação que ella estabelece não só é perceptivel na phisionomia material das construcções, mas tambem na social e politica da população: assim vemos que a parte septentrional, isto é as Tulherias e a Chaussée d'Antin, é mais habitada pela côrte e membros de commercio; a meridional, a saber, os quarteis de S. Germain e a Universidade, é patrimonio da antiga aristocracia e das escholas; e o centro correspondente ás ilhas, e onde se acham situadas a cathedral e o edificio do tribunal de justiça, é mais especialmente habitado pelo clero e a curia.

Reunidas, pois, estas tres divisões, compõem o todo assombroso de quasi sete leguas de circumferencia, coberto de 46 mil edificios, cortado por 1:200 ruas, e povoado por perto d'um milhão de habitantes. Singela muralha (::) rodêa este recinto, interrupta por 58 entradas ou barreiras, ás quaes vem convergir as estradas principaes do reino. Vinte e duas pontes sobre o rio estabelecem as communicações entre bairros tão apartados, e entre ellas sobresaem algumas de primeira ordem pela sua solidez e elegante fábrica.— A nossa gravura mostra a ponte nova na parte occidental, com os edificios adjacentes, a qual passa sobre o pontal da cidade; foi começada em 1578, e acabada em 1604; tem de comprimento 1:020 pés franc. sobre 78 de largura: aformosea-se com a estatua equestre do rei, pai da patria, o clarissimo Henrique 4.º, inaugurada em 1614; os revolucionarios a derribaram em 1792; como diz o nosso poeta, P.º Francisco Manuel do Nascimento,

Ruins te derribaram, que não visses
Os dólos, os flagícios,
Que haviam commetter &c. —

Foi porem restabelecida em sua base, em 24 d'agosto de 1818, mediante subscrição voluntaria dos parisienses para as despezas.— A ponte tem 14 pés d'altura.

O terreno sobre que está situada a cidade é geralmente plano, á excepção d'algumas ladeiras nos extremos para a parte do Pantheon, e a porta de S. Dionisio.

Afóra a divisão central, marcada pelo rio, ha outra na banda septentrional, e que é formada pelos formosissimos passeios, conhecidos pelo nome de baluartes, ou couças (*boulevards*), e abertos sobre o pavimento por onde outrora corria a cêrca da cidade; os quaes, descrevendo em sua extensão de obra d'oito mil passos uma curvatura immensa desde a praça da Magdalena até a da Bastilha, subdividem a parte mais vital e magestosa de Paris [que é a comprehendida á direita do Sena] em duas grandes porções, que podem appellidar-se *nova e velha*: campêa n'aquella a moderna aristocracia mercantil com toda sua magnificencia; ostenta na outra a industria e o commercio a retalho a sua inexplicavel

(::) Todos sabem (pelos jornaes politicos) qual a exterior fortificação que se está fabricando.

actividade.— As ruas principaes ou seguem paralelas as duas maximas linhas do rio, e os *boulevards*, em prodigiosa extensão; ou se communicam entre si desde um a outro extremo da cidade, estabelecendo assim uma planta bastante uniforme, e não difficil de comprehender ao forasteiro.

Quem chega a Paris, vindo d'Arcueil, não tem que felicitar-se muito da primeira impressão que lhe causa esta capital; pois atravessando por largo tempo muitas ruas estreitas, sujas e escuras, ainda que d'extensão desanimadora, contemplando a triste e sombria fábrica das casas, pela mór parte velhas e denegridas pelo tempo e a humidade do clima, e observando-as habitadas por gente, que se bem que activa e industriosa parece revelar o rigor da miseria, achar-se-ha de prompto desmagnado de suas illusões, julgará que falharam suas brilhantes esperanças, e vingar-se-ha em silencio das encomiasticas relações dos viajantes, maldicoando de todo o coração tão bondosa credulidade.— Mas aguarde o recém-chegado compaciencia; siga com a imaginação e com a vista o curso de sua carruagem; saia emfim do embrulhado cahos do *paiz latino* [bairro da Universidade]; dê vista ao rio; atravesse a *ponte-nova*; e se tiver a fortuna de que a innumerable multidão de carruagens que de todos os tamanhos a certas horas cruzam nessa paragem obrigue a deter-se a sua por alguns minutos, deite a cabeça pelas portinholas, alargue a vista para um e outro lado, e seguindo os braços gigantes da cidade, contemple [se podér] diante de si o romantico palacio das Tulherias e seus bellos jardins, a magnifica fachada do Louvre e sua elegante columnada, a interminavel serie de formosas casas que orlam os fortes diques do rio; a linda perspectiva das pontes, o antigo *Hotel de Ville* [casa do municipio] e a torre de Santiago limitando o painel á sua direita; o obelisco egypcio, e o arco triumphal da Estrella á sua esquerda. Pelo opposto lado do rio, poderá abarcar a sua vista os palacios do Instituto, e da Casa da Moeda, os do Conselho d'Estado, e da Camara dos Deputados, os elegantes zimbórios do Hospital dos Invalidos e o sumptuoso Pantheon; e no meio do rio a ilha engraçada, que parece uma cidade fluctuante, que derivando da ponte e sitio, em que supomos o espectador, vai findar ostentando entre as navens as torres sombrias e magestosas da sé parisiense (*Notre Dame*).

Ignorâmos se o viajante se dará por satisfeito com esta primeira inspecção; porem nos persuadimos de que não será assim; antes nos capacitâmos de que não largando as suas visões [pelo que ouvira] que nunca semelham a realidade, e sendo-lhe impossivel qualificar de uma só vista espectáculo tão variado e magnifico, cederá por instantes ao atordoamento dos sentidos, do que não saberá dar conta, mas que lhe empecerá gozar do painel magestoso, que o rodea.— Mais adiante e depois de acalmada a primeira e indefinivel sensação, só poderá dizer que tem achado o que procurava, Paris magnifico, Paris cheio de movimento e d'industria, tal como lh'o debuxava a fantasia, quando, dirigido por guia intelligente, tiver percorrido em sua largura immensa as regias ruas de Rivoli, Castiglione, e da Paz: as mui frequentadas de Montmartre, S. Dinis, e S. Martinho, as elegantes e industriosas de Richelieu, Vivienne, e St.º Honorato, as opulentas e aristocraticas da calçada d'Antin e de S. Germaino; quando levado á soberba praça da Concordia vir ao redor de si a ostentação dos principaes pala-

cios, jardins, passeios e monumentos publicos de Paris moderna; quando tiver corrido as duas ordens de diques que guarnecem o rio, animadas por numerosa e activa população; quando tiver seguido a linha interminavel dos *boulevards* desde a recente columna das victimas da revolução de julho até o magnifico templo da Magdalena, construido no estylo grego, e por toda essa extensão tiver observado o espectáculo que alli se offerece unico em seu genero pelo movimento e sumptuosidade; quando do lado opposto do rio houver admirado o soberbo Pantheon, o quartel dos Invalidos, o paço e jardins de Luxemburgo, o delicioso jardim botanico, a cathedral de Nossa Sr.^a, e o palacio do Tribunal de Justiça, na ilha central; e os das Tulherias e do Louvre, a columna de Napoleão, a Casa municipal, a bolsa, o arco da Estrella, e outros mil monumentos de primeira ordem, na margem direita do Sena; quando tiver contemplado á noite este dilatado painel illuminado por infinidade de lampiões, e tiver transposto as encantadoras galerias [*passages*] de Vivienne, Colbert, Saumon, Choiseul, Panoramas, Verododal, &c.; finalmente, quando houver examinado as bellissimas arcadas que rodeiam o jardim do palacio real d'Orléans, e encontrado nellas o bazar mais magnifico, a mais rica exposição de generos d'industria, que existe na Europa. Então ficará estupefacto o observador; e aconselhâmos-lhe que não pertenda qualificar de prompto tantos e tão variados objectos; que não ceda ao enthusiasmo nem á fadiga que esta vista poderá causar-lhe, mas que limitando-se, quanto fôr possível, á observação meramente passiva, aguarde que o tempo venha colloca-lo na verdadeira posição, donde deve examinar este composto grandioso.

Sem nos apartarmos da rapida inspecção material da cidade diremos que não pôde affirmar-se que Paris, tomada em conjuncto, seja uma povoação bella, uma perspectiva mui aprazivel: isto por varias rasões. — A consideravel extensão de seu recinto, povoado e augmentado em differentes epochas e sob o influxo de civilizações diversas, revela o sello de cada uma em seus varios bairros. Se penetrâmos, por exemplo, nos bairros centraes de Paris antiga, achâmos um inextricavel labyrintho de ruas estreitas e tortuosas, de casas altissimas e informes, onde nunca entrou a luz do sol, cujas fachadas e ogivas maltratadas pelo tempo offerecem um desgraçado prospecto daquella epocha tão gahada em nossos dias por novellistas e poetas. . . Todavia, Paris de Luiz 11.^o e d'Henrique 4.^o vai desapparecendo rapidamente ante as poderosas exigencias da moderna civilização; e hoje só conserva como documentos da antiga, alguns bairros tortuosos, algumas ruas sombrias, e alguns edificios publicos, por sua importancia e ancianidade respeitaveis: estendendo seus limites até onde nunca o sonhariam seus primeiros fundadores, levanta sobre as margens do Sena infinidade de ruas, direitas, uniformes, amplissimas, cheias de predios d'elegante forma, calçadas de cantos quadrangulares, que offerecem ás carruagens superficie unida e solida, com passeios lateraes para commodidade dos viandantes.

Muitos destes melhoramentos se tem feito de poucos annos a esta parte, porque ainda não ha bem quinze eram as ruas, em geral, porcas, destituidas pela maior parte de passeios lageados, e os que havia eram acanhados: a illuminação, hoje de gaz

nos sitios principaes, era feita com azeite em toda a parte, e os lampiões estavam pendentes de cordas atravessadas nas ruas de banda a banda. Certos inconvenientes e em certas partes não se tem removido, porque Paris, como os seus proprios escriptores lhe chamam, é por antonomasia *bourbeuse*, isto é, lamacenta.

Daremos mais outra rasão porque aos habitantes do sul da Europa não pôde parecer bella no seu todo a capital da França. — Primeiro que tudo, os nossos olhos acostumados a uma atmosphaera pura, ao sol resplandecente, buscam no compacto d'uma povoação esta transparencia do ambiente, e a harmonia das côres, que só achâmos em nosso clima: embellecidos os objectos mais somenos, e approximadas remotas distancias, adquirem pelo reflexo do nosso claro sol um toque gradual de colorido, uma harmonia na aggregação dos objectos, que debalde buscaremos onde as nuvens e brumas tem quasi constante imperio e imprimem naquelles um aspecto antecipado de velhice. De modo que contemplada de grande altura Paris só offerece uma immensa mole de sombras cinzentas, um apinhado de coruchéus pardos ou negros, uma montanha de lousas, em cujo horisonte deslavado e sombrio vão apagar-se os raios fracos do sol; das ruas, ainda as mais largas e maiores, tambem se não goza a inteira extensão, pela opacidade da atmosphaera na maior parte do anno: e os objectos mais salientes e remotos, torres e arcos triumphaes, apparecem como que encubertos com véu de gaza mais ou menos espesso, que por outro lado não deixa de prestar-lhes certo realce e mysteriosa formosura. — Resultado da permanente humidade é a sombria côr que adquirem prestes os edificios, em termos de chegarem a denegrir-se completamente os de cantaria, e darem logar nos intersticios das pedras a certo musgo verdenegro que os desfigura, se não são limpos. Assim, por exemplo, a fachada da cathedral, a columnada do Louvre, e outros edificios não produzem sobre nós o effeito, que nos arrebatava quando os contemplavamos em estampas; e por isso a Bolsa, a igreja da Magdalena, o arco d'Étoile, mais modernos e que tem resistido á acção da atmosphaera, nos agradam e seduzem mais.

O pavimento calçado das ruas de Paris é solido e compacto; formando uma leve curva com a elevação no centro, é por extremo proprio para o transito de carruagens, ainda que as regueiras que ficam dos lados e as escoantes junto ás casas não deixam de causar incommodo á gente de pé, apesar da multidão de sargentas e canos, que impedem o ajuntamento das aguas: mas este inconveniente se tem ido remediando por um novo systema, que em 1841 já estava praticado nas ruas Vivienne e Montesquieu, o qual consiste em fazer passar as ditas regueiras por baixo das lages alteadas, com o que não se verá nas ruas corrente d'agua ainda na occasião de maiores chuvas. As ditas escoantes são de conveniente largura segundo a da rua, e de lages ou d'asphalto, e offerecem, por serem um pouco alteadas, abrigo contra os perigos, que de contrario acarretaria o contínuo transito das carruagens. — A limpeza das ruas se effectúa com admiravel expedição se attendermos ao vastissimo recinto; e só quando sobrevem as grandes chuvas ou neves do inverno é que realmente e por algumas horas se põem intransitaveis. Já fica dito que a illuminação é feita por meio de gaz no principal da cidade, e alem disso é poderosamente reforçada

com a profusão de luzes da infinidade de lojas: porem as ruas mais apartadas do trafico mercantil ainda permanecem pouco menos que ás escuras com os pallidos reverberos pendurados ao meio das ruas e seguros por cordas passadas de uma a outra parte. — A numeração das portas é facil e commoda pelo methodo geral dos numeros pares á direita e os impares do lado esquerdo, e crescendo ou decrescendo segundo a proximidade do rio. — Finalmente, a policia urbana é numerosa, vigilante e activa, empregando as mais das vezes persuasões e meios conciliatorios.

Taes são as feições geraes do nomeada Paris: — não caberia em longa serie de artigos a miuda enumeração de todas as suas particularidades: — todavia d'alguns de seus principaes monumentos já temos fallado, e porventura trataremos de outros quando se nos offereçam desenhos, que os representem.

O CAVALLEIRO NEGRO.

Episodio historico.

1.º

D. João o Torto.

MANCEBO ainda, porem valente e generoso, era o filho de D. Fernando, o emprazado (*) quando tomou as rédeas do governo. Nunca os revezes destruíam suas esperanças, antes o alentavam, tendo em mais conta vencer os maiores obstaculos a pró de seu povo que desfructar regalados festejos: mas nem por isso deixava de ser afeiçoado a divertimentos e ao fausto, e participar dos publicos regozijos, ataviando-se com ricos vestidos bordados de ouro e perolas, e que faziam realçar seu porte nobre e maneiras engraçadas. Quando a guerra contra os mouros o não apertava, ardia em desejos de mostrar a força de seu braço; voava aos torneios cuberto d'armas luzidas, e por mais de uma vez obrigou a beijarem a arena esforçados paladinos.

Entre os principaes senhores que concorreram para as revoltas internas, que alborotaram o reino durante a menoridade d'Affonso 11.º, eram os mais temidos e influentes D. João Manuel, senhor de Vilhena e pai da rainha D. Constança, e o famoso infante D. João, o torto. A arrogancia e menospreço com que este tratava até os nobres da mais elevada jerarchia, o constituíam uma casta de tyranno, aborrecido de todos, mas a quem todos temiam por seu desmedido poder, pois como dívido de Affonso obtinha parte da privança deste, e a Biscaia o reconhecia por senhor. Tempo havia que no coração abrigava odio mortal contra o rei, e seu genio altivo e turbulento só esperava propicia conjunctura de arrancar abertamente a mascara de lealdade com que se encubria, introduzindo-se no entanto com manha na confiança de D. João Manuel, o qual olhava a amizade do infante, como um recurso não despidiendo para chegar a mandar tudo. Os enredos occultos destes cortezãos não escapavam á penetrante sagacidade do rei, que justamente desconfiado do infante começava a deixar de o tomar por confidente, sem comtudo o apartar de seu lado, porque receava dar-lhe occasião para novos disturbios, quando era tão necessaria a paz interna, e voltar todos os esforços contra os mouriscos d'Andaluzia.

(*) Lembrados estarão os leitores da lastimosa historia dos irmãos Carvajales, narrada no 1.º vol. e romanceada nos vol. pertencentes aos annos de 1841 e 1842.

Achava-se a corte em Valhadolid; e á mesma hora que D. Affonso recebia na sala regia do paço as vassallagens da nobreza passeava D. João Manuel, de semblante carregado, pelo corredor immediato, em cujo remate ficava uma espaçosa escada de pedra, serventia dos quartos inferiores: — não tardou a apparecer no cimo della o senhor de Biscaia, que reparando quão estomagado estava o seu amigo, lhe disse: —

«Que novo cuidado vos molesta, senhor de Vilhena?...»

«Bagatella!. — tornou este em voz baixa. — Que havemos de fazer agora?... Ignorais que o rei já se vai pôr a caminho?...»

«Que diabo dizeis!... E para onde vai elle?...»

«Para Victoria com toda a corte.»

«E isso vos contrista?... Em Victoria faremos o que estava talhado para Valhadolid.»

«Mas é o caso que tenho ordem para sahir hoje mesmo para as fronteiras da Andaluzia.»

«Pelo olho que me falta! que não parece senão que o rei adivinha nossas tenções. —

«É preciso buscar-mos refugio.»

«Bom é de dizer buscar refugio... mas como?»

«Recolhendo-nos a Vilhena.»

«E se o rei vos mandasse prender dentro de Vilhena, e degolar como vassallo rebelde?... Que me dirieis sendo levado a passo grave pelas ruas, manietado entre luzido acompanhamento de guardas, escutando as santas admoestações do compassivo confessor? E dahi a pouco, ao divisar o patibulo bem empinado, e em cima o alentado carrasco preparando a ferramenta....»

«Alto ahi, senhor infante; que não hei trepado tão alto que tenha de soffrer tão desatinados prognosticos: tomai tento não se verifiquem na vossa pessoa.»

«Cousa é essa com que tarde ou cedo devem contar os que andam, como nós-outros, remexendo conspirações.»

«Eu creio que em Toledo estaremos seguros.»

«E eu digo-vos que em Toledo tereis o mesmo desastrado fim que em Vilhena.»

«O demo vos leve e a vossos vaticinios.. Pois onde é que iremos parar?...»

«Ao Aragão.»

«Percebo, percebo.. Almazan fica na raia desse reino.»

«E é logar seguro para urdir ousadas emprezas.»

«Sim, sim... E em quanto o guerreiro afa o gume da espada, não faltará alguma donzella formosa...»

«Mas sobre tudo rica, senhor de Vilhena.»

«Que amenise com a luz de seus olhos a triste solidão daquelles bosques....»

«Encantadores se ás possessões de Almazan se ajuntarem as fazendas d'Alcozer.»

«Ruim serpe vos morda o coração!.. Sois um homem incomprehensivel... disse o senhor de Vilhena, retirando-se, —

«Ajuda-me tu a conseguir a mão da bella herdeira d'Almazan, depois vê-lo-hemos... — disse por entre os dentes o infante quando o companheiro ia descendo os degraus da escada. — Neste passo o confuso motim, que provinha dos aposentos interiores, prendeu-lhe a attenção, e em breve appresentou-se na galeria o rei seguido de brilhante comitiva de nobres. Chegado que foi a curta distancia do infante, este se adiantou e pediu-lhe a mão para beijar; e o rei lhe perguntou: — «D. João, quereis acompanhar-me a Victoria?» —

— «E porque não?... A Victoria e a toda a parte, senhor — respondeu com alguma turbacão.

«Basta.. [ajuntou o rei] tudo a cavallo. Sereis meu amigo, infante, quando me houverdes provado com actos leaes o parentesco que comigo tendes. — Passados poucos minutos toda a cõrte seguia caminho.

2.º

O passo do Zadorra.

Não muito longe da estrada real que vai de Victoria a Salinas, e no sitio onde outrora duas renques d'azinheiras vedavam entrada aos raios do sol, apeava-se um guerreiro e entregava o corcel a seu creado: trazia calada a viseira, e capacete tinto de negro; da mesma cõr era toda a armadura; de crepe luctuoso tinha cuberto o motto do escudo triangular: e ondeavam sobre a cimeira do elmo plumas bastas e negras. — A postura de tal campeão, que manifestava intrepidez e animo fogoso, e a attenção com que olhava para a proxima ponte de cantaria indicavam desejos de commetter arriscadas proezas, ou de levar a feliz termo aventuras começadas.

Era um desses dias que D. Affonso de Castella desejando fazer alarde dos guerreiros, que o seguiam aos combates, percorria os campos d'Arriaga. Com elle estava a flõr dos cavalleiros de Victoria e Trevinho, ataviados com a preciosa facha carmezim, que lhes concedera o rei em premio de fanchas obradas contra os infieis, sendo os principaes, D. Gonçalo de Mendoza com sua cota de perfis d'ouro; o valoroso Mendibil, sopeando o mesmo cavallo que nas margens do Guádalhorce fõra cavalgado pelo possante sarraceno Osmin; e o invencivel D. Lopo de Vendanha, cujo brio assaz era denotado pela lettra de seu escudo: *sempre cartel ao mais forte*. A cortez amabilidade do principe enthusiasmava estes animosos aventureiros, e ainda mais a demonstracão de confiança que lhes dava, pondo-se em mãos delles, quando ardia o reino inteiro agitado por enredos de grandes. Mas Affonso bem conhecia quanto era amado da maioria da nobreza, e sabia que os fidalgos fieis na guerra, que lhe suscitara seu esforçado competidor, o monarcha do Aragão, se oppozeram sempre á entrada deste no territorio das duas Castellas, e elle os premiara com a insignia da ordem de la Banda: e como o cavalleiro que ao diante eternisou sua memoria nas ribeiras do Salador poderia temer traicão dos que havia tão pouco o elegeram capitão e principe seu?...

Tomado das altas esperanças que de seu glorioso reinado já lhe presagiava o coração, encaminhava-se á ponte do Zadorra, que lava uma campina tão aprazivel como as mais jucundas que a imaginaçãõ pôde delinear em seus impulsos creadores. Alheio de si, e embevecido nos designios que postoque difficeis, prestes havia de pôr em prática, não reparou que indo na dianteira alguns cavalleiros, como batedores e á descuberta, fizeram parar os ginetes á entrada da ponte. D. Lopo de Vendanha, que se chegou d'elle, apontou-lhe o cavalleiro da negra armadura.

«A meu respeito não vos desassocegueis [respondeu]; será talvez mensageiro que da rainha me venha trazer novas.»

E nisto, o som rijo da tuba de guerra feriu os ouvidos daquella fidalguia, e todos a um tempo com o rei á testa esporearam os cavallos.

Ao entestar com a ponte, perguntaram-lhe os exploradores:

«Passaremos, senhor? —

«Quem no-lo estorva?» — replicou Affonso impaciente.

«A minha lança...» — bradou o cavalleiro negro.

«A tua lança!... Barreira debil contra o meu braço... Quantos sarracenos tens derribado com essa lança?...» —

«Empunha-a um nobre; e Deus e a minha dama a protegem.»

«O sol te é contrario. Se em realidade és cavalleiro, e não foragido disfarçado, vem a meu campo; dois reis d'armas nos partirão o terreno.»

«Depois de vencer-te... agora cedo-te essa vantagem.» —

«E de mim que farás, arrogante campeão, se me venceses?...»

«Se ferido cahires, sendo quem se me afigura, dar-te-hei o *golpe da graça*, introduzindo-te a *misericordia* ate o coração; depois... arrojarei teus mortaes despojos á corrente do Zadorra.» —

Todos os guerreiros fizeram cerco ao monarcha, nos olhos do qual scintillava o prazer ouvindo as rasões do enlutado; e vendo que o de Vendanha predispunha-se a castigar a insolente arrogancia, intimou-lhe com auctoridade que permanecesse quẽdo: deu d'esporas ao ginete, calou a viseira do elmo reluzente, abraçou a rodela, pediu a lança, e despediu a galope.

Partiu tambem a encontra-lo o desconhecido; e já se acercavam com furioso impeto; iam talvez fazer-se pedaços no terrivel embate; eis que de subito o corcel do cavalleiro negro desviou-se da primeira carreira, ladeou; e quem o mandava exclamou apurmando-se sobre os estribos:

«Como, Senhor!... Sois o Mestre da Ordem de la Banda!... cavalleiros, foi engano... Eu me confesso vencido.»

«Abaixa a lança, infame [gritou D. Affonso, detendo o cavallo]... quem não sabe sopeza-la, nem é, nem pôde ser cavalleiro.»

«Senhor, — respondeu o outro — sou nobre, mais que todos os vossos nobres, e tanto como vós.»

«Aqui D. João, aqui senhor de Biscaia! [bradou mais alto o enfurecido monarcha]... Que castigo merece este cobarde?...»

«Cobarde!... Viva Deus, ó rei de Castella, que homens do meu prol não soffrem taes demasias!...»

«Que castigo merece?...» volveu a perguntar o rei.

«Confessor e verdugo...» respondeu D. João.

«E eu digo-te [redarguiu logo o incognito], dom torto, dom villão, e dom traidor, que tu és o infame que ando buscando. Testemunhas sède, poderoso rei de Castella, e vosoutros valentes cavalleiros, de que eu, conhecido pelo nome de *cavalleiro negro*, accuso ao infante D. João de traidor e instigador de maldades; e em prova do dito o desafio á lança e espadã, a pé ou acavallo, e a todo o transe: levantai a minha manopla, D. João... Rei de Castella, vêde um signal de minha nobreza...» —

E dizendo approximou-se de Affonso, e mostrou-lhe um pergaminho.

«Como é isto!... Vós por aqui!...»

«De longes terras venho buscando vossa alteza para contra seus inimigos defende-lo.»

«Que é feito de vosso pai?...»

«Renunciou todos os seus direitos em favor de vossa alteza.»

«D. João [continuou o rei dirigindo a falla ao infante] podeis levantar essa prenda: é nobre este guerreiro.»

«Pois que o prove.»—

«Serei eu nobre, D. João?..»—inquiriu Affonso com atoadora voz.

«Senhor, sim; e o primeiro d'entre os d'ambas as Castellas.»

«Pois então digo-o eu e basta.»

«E basta»—repetiu á uma a chusma dos cavalleiros.

D. João o torto recolheu a luva seu máu grado: e o rei levando ao lado o das armas negras, e seguido pelos demais, retrocedeu para a cidade.

3.º

A proposta.

Erguem-se para o lado das montanhas d'Aragão, a pouca distancia da celebre serra d'Albarrazin, as arruinadas torres de um castello antigo, que apesar de venerandas servem de guarida aos innumeraveis lobos que nellas se asyram, quando o nebuloso Moncayo arroja sobre as florestas suas violentas enxurradas. — Nem sempre estiveram condemnados ao silencio os páteos espaçosos daquelle edificio; e na epocha dos successos, que vamos referindo, tal magnificencia e solidez ostentava que com razão se lhe deveria suppôr direito a mais extensa duração. — N'um de seus aposentos passava compridos dias e tristes noites a bellissima Branca, filha do infante D. Pedro, que morreu n'uma refrega ante os muros de Granada. Acompanhava-a sua mãe D. Maria, e embalde procurava dissipar com afagos as nuvens sombrias que entenebreciam o coração da donzella, que victimada á sua paixão comprazia-se em cursar os mais apartados sitios da fortaleza, assim dando pábulo ao desasocego que a ralava, produzido pela ausencia do enlutado cavalleiro, que poucos dias antes partira caminho de Castella, comsigo levando a paz d'espírito, e o amor da terna herdeira da casa d'Almazan.

Uma manhaã ouviram os moradores do castello o soído de trombeta, e repentina agitação succedeu á quietação que desfructavam; cruzaram o páteo em vária direcção os homens d'armas; e d'uma das torres pronunciou uma voz estas palavras: *é gente de paz*. Restabeleceu-se a tranquillidade, e todos, menos Rodrigo, o chaveiro da praça, se retiraram.

Nisto, appareceu á sabida do bosque um cavalleiro armado de ponto em branco, fatigando com seu peso os ilhaes do brioso corcel: indicava quarenta annos, era enxuto de carnes, um tanto curvado para diante e como que vestia as armas contra vontade. Quando chegou proximo ao fosso, seu escudeiro tres vezes tocou a trombeta, a cujo signal respondeu a atalaia; e adiantando-se Rodrigo lhe mostrou a entrada para o páteo, onde o cavalleiro desmontou, e seu creado expóz ao chaveiro o desejo que seu amo tinha de tributar pessoal homenagem á bella castellaã. Mediu-o Rodrigo d'alto a baixo e perguntou-lhe:—

«Quem é teu amo; e qual o titulo de que goza no fóro fidalgo?»

«É o cavalleiro de la Torre.»—tornou o escudeiro.

Atravessou Rodrigo o terreiro e annunciou ás senhoras o recém-chegado.

«Não me consta que haja cavalleiro aragonez, que assim se appellide»—disse D. Maria.

«Será talvez castelhano ou algum dos cavalleiros da ordem de la Banda»— lembrou D. Branca.

«Seja quem fôr—acrescentou a mãe— aqui encontrará hospitalidade. Que entre o cavalleiro de la Torre, e bemvindo seja aos dominios da casa d'Almazan.»

Admittido o hospede, Branca cuidou morrer de espanto, ao reconhecer D. João o torto: porem D. Maria manteve tanta serenidade que lhe offereceu que descansasse.

«Não largarei minhas armas, nem ao repouso entregarei meu corpo, em quanto me não escutardes sobre assumpto que a todos nos interessa, e no qual hade decidir minha formosa prima.»

«Dizei o que vos apraz explicar»—acudiu logo a mãe.

«Muito me exaltaram a lindeza de Branca os paladinos, que passaram por estes sitios, mas confesso que foram diminutos em demasia, pois que a formosura da prima eclipsa...»—

«Tinheis dito que o negocio, que vos trazia, respeitava interesse meu...»

«E assim é, senhora... Sabei que o rei de Castella dispõe-se para despojar-vos de Almazan e de Alcocer...»

«Não o acredito, D. João: porem se tal fosse, valor e armas tenho para defender-me.»

«E que hãode fazer duas fracas senhoras contra o poderio do perfido Affonso e o aviltado esquadrão dos cavalleiros de la Banda.»

«Infamais esses guerreiros—disse Branca—: saabei pois que são valentes e generosos; e cavalleiro ha entre elles que sem embargo de ainda não trazer a tiracollo a hõnrosa fita romperá em minha defeza a melhor lança...»—

«Será por acaso o de Vendanha!.. Não; que já pertence á ordem detestavel.. Branca, quem é esse afortunado campeão?. Diga-o, diga-o já.»

«D. João, — interrompeu D. Maria — não vos olvideis que estais na presença das castellaãs de Almazan.»—

«Como é preciso que eu salte o vallo, declaro-vos sem rodeios que venho sollicitar a mão de Branca. Se acquiesceis a meus desejos, levantarei exercito nesta fronteira, e me farei forte nestes muros contra o poder de Affonso e até contra o inferno. O senhorio de Biscaia reunido aos vossos estados acrescentará nossos dominios, e...»

«Nunca vos cri tão atrevido, D. João—respondeu com altivez a senhora do castello— pedís a mão de minha filha, como se fóra vassalla vossa, e esqueceis-vos de que o alvedrio de uma dama tem força que baste a desprezar descortezes offerecimentos e rejeitar allianças desiguaes.»

«Desiguaes!.. E a minha nobreza!...»

«Não ha nobreza sem virtude.»

«Isto já é demais.. meu orgulho não se abaixa a supplicar.. Por ultima vez, minha prima... acceitais ou repudiáis minha mão?...»

«Não acceito, D. João...»—respondeu a donzella resolutamente.

Mordeu exasperado o infante a manopla d'aço, exhalou a raiva n'uma praga horrivel, e descendo a toda a pressa ao páteo do castello, tornou a cavalgar, e correu a toda a brida.

4.º

Desfecho d'um banquete real.

Dois mezes depois da entrevista de D. João o torto com as nobres senhoras d'Almazan, celebrou-

se o famoso torneio de Valhadolid, no qual o cavalleiro negro salvou a vida ao rei: alguns traidores disfarçados entre os contendores que justavam accommetteram na liça o rei, e este deveu a salvação aos certos botes do desconhecido, ajudado dos cavalleiros de la Banda. Grato a tão assignalado serviço, ordenou o monarcha um banquete a que foram convidadas as principaes damas da côrte e tambem os nobres que haviam assistido ás justas, numero em que entrava D. João o torto.

Grandes preparativos se haviam feito para a festa, com regio e liberal apparato: illuminaram-se as amplas salas do paço; revestiram-se de colgaduras mui ricas os balcões, entradas, e paredes; e as cadeiras primorosas, mesas e aparadores magnificamente ornados, os serventes trajados ricamente; as bandas de musica repartidas em locaes convenientes, davam bem a entender que nunca em Castella se víra tão fastoso recreio.

Occupava a cabeceira da meza, sentada sob um docel d'azul e graã, a bella herdeira de Almazan, como rainha que fóra do torneio; tinha a seu lado esquerdo a infanta D. Maria, sua mãe, e á direita elrei D. Affonso: seguiam-se damas e cavalleiros alternadamente, distinguindo-se alli nomes illustres, afamadas reputações de guerreiros, e formosuras estremadas; e todos em repetidos brindes celebravam a grandeza de Affonso, e a boa sorte de suas empresas.

Concluído o convivio, ergueu-se elrei com uma taça de ouro na mão; todos o imitaram guardando silencio.

«Damas gentís, cavalleiros valorosos, brindai comigo ás faustas nupcias da rainha do torneio com o paladino da negra armadura.»

«Viva! viva! [se ouvia de toda a parte]: saibase-lhe o nome.. viva!»

«Tambem meu rival!» — disse em voz baixa D. João o torto.

«Rei de Castella, tempo é de descobrir-me, pois que meus votos estão cumpridos: vossa alteza já não tem inimigos; e eu chego a alcançar o unico premio a que o meu coração aspirava...»

«Sou eu a quem toca descobrir-vos e premiar-vos. Nada por ora em beneficio vosso tenbo feito; e, por Deus, que é tempo de não parecer ingrato!.. D. Luiz de La Cerda, primogenito de D. Affonso de La Cerda o *desherdado*, que mercê pedis ao rei de Castella?..» —

«A de morrer no seu serviço.» — E um clamor de admiração havia sabido de todas as boccas ao ouvirem pronunciar o nome do incognito.

Aqui não pôde conter-se D. João, e vendo que a mãe de Branca fallava complacientemente ao campeão, adiantou-se para ella e disse:

«Olhai, senhora, que ha um duello pendente entre esse cavalleiro e a minha pessoa: todavia não é ainda esposo de minha gentil prima...» —

«Que estais dizendo, D. João?..» — perguntou elrei indignado.

«Peço que vossa alteza revogue essa alliança que usarpa os meus direitos.»

«Teus direitos, traidor!.. — bradou-lhe o de La Cerda — Vem, vem discuti-los, e devolver-me minha luvã; a que te arrojé na ponte do Zadorra.»

«Agora mesmo...» — Respondeu furioso o infante, e d'espada nua arremetteu para D. Luiz, que declinando o primeiro golpe, e no meio da confusão e alarido, que tal e tão inesperado incidente gerára, investiu com o adversario tão briosamente

que o levou recuando até a porta da sala, onde pôde alcança-lo; e jogando-lhe uma estocada, disse-lhe: «morre em paz.» Caiu D. João, e no baque resou sua armadura sobre o pavimento.

Foi este o fim tragico de D. João o torto; e a sua morte assegurou por muitos annos a tranquillidade de Castella. Poucos dias depois deste successo celebraram-se com pompa extraordinaria as vòdas de D. Branca de Almazan com o primogenito, herdeiro dos La-Cerdas.

Agricultura.

DOS TAPUMES, OU DEFENSAS DOS CAMPOS.

Os TERRENOS abertos valem menos que os terrenos murados, ou fechados: mais sujeitos do que estes ás avarias dos animaes domesticos, ás depredações e latrocinios dos passageiros, e aos atravessadouros dos viandantes, tem de mais a desvantagem de não guardarem os gados em seus pastios, e de serem deslavados ou cortados pelas enxurradas nas grandes chuvas por falta d'um dique ou embaraço ás aguas. Nas provincias do norte onde a pedra é vulgar, e a povoação e industria dos habitantes ruraes maior, quasi todos os campos cultivados são fechados por muros ou paredes: na provincia do Minho as mesmas bouças ou tomadias, que apenas produzem matto ou tojo, são defendidas por paredes de pedra ensoça: para ahi mettem seus gados sem pastor, e os recolhem á noite para o curral. Nas provincias ao sul, grande parte dos terrenos cultivados estão abertos, principalmente nas terras transtaganas, onde não ha pedra, e a povoação é enormemente desigual. A propriedade, destituida de limite apparente e fixo, soffre deteriorações no gozo e fruição exclusiva, e o seu valor é despreziado. Os tapumes são portanto um dos meios d'augmentação de riqueza agricola; e os camponeses e proprietarios deveriam empregar nisto muito maior solicitude.

Os tapumes ou defensas dos campos podem ser de tres maneiras: *parede*, *valado*, *sebe*. Todos elles tem suas vantagens, e inconvenientes que lhes são proprios. A parede é o mais simples e independente, porque não exige cuidado ou trabalho annual, e dá menos abrigo aos insectos e reptis que se costumam alojar nas balsas e arbustos; mas é tambem o mais dispendioso, e não dá abrigo ás terras contra os vendavaes e ventanias. Valados desprovidos d'arbustos são pouco duradouros: as chuvas os desconjuntam, os animaes bravios os furam e atravessam facilmente, os gados os esbarrondam: requerem portanto continuos reparos; e demais, sendo construidos de terra ou torrão privam esta de ser productiva. A sebe é o melhor dos tapumes, se fór bem feita, e d'arbustos discretamente escolhidos; porque muitos ha que dão fructo e flores que augmentam o rendimento do cultivador, e defendem ao mesmo tempo a propriedade, quer seja das avarias dos homens e dos gados, quer dos temporaes. Deste genero pois é que vamos tratar com preferencia, até porque é praticavel em quasi todas as localidades.

As sebes ou balsados, simplesmente taes, não formam tapume sufficiente nos primeiros annos de sua plantação, porque em quanto os arbustos são novos e tenros não fazem obstaculo. Indispensavel é

portanto ou misturar na plantação os dois methodos levantando valado sobre o qual se firmem as plantas e sementeiras, ou defendendo estas com barroca ou garganta de fosso largo e profundo. Arraigadas porem as plantas, e feito balseado, preciso não é já o trabalho da conservação e reparação do valado e barroca.

A escolha das arvores ou arbustos para as sebes será determinada pelo clima e pela natureza do solo: os cultivadores porem não necessitam fazer grandes observações e raciocinios para isto; basta attender para aquellas que mais facilmente crescem e prosperam espontaneamente na localidade, e preferir estas. Convem entretanto em todo o caso misturar neste genero de plantações arvores e arbustos, ou estes com aservas e plantas que se emmaranham e se prendem naturalmente áquelles, porque sómente assim se consegue um tapume impenetravel. Assim que, o espinheiro, o azevinho, o pilriteiro, a silva, o junco bravo, o tojo, e a figueira do inferno, e outras plantas espinhosas e pontegudas serão convenientemente intermeadas com os demais arbustos ou arvores. Em geral eis a resenha das plantas que mais se costumam adaptar aos diferentes climas.

Ao meio-dia.

Romãseira [grenadier].
Açofeifeira [jujubier].
Zimbro [genevrier].
Sabugueiro [sureau].
Carrapateiro [ricin, ou
pignon de l'Inde].
Abrunheiro [nerprun].
Esteva [lada].

Ao norte e no centro.

Loureiro [laurier].
Canna [roseau].
Pilriteiro [aubepine].
Alfeneiro [troëne].
Grozelleira [groseiller].
Azevinho [houx].
Marmelleiro [cognassier].
Sanguinho [cornouiller].
Amexieira br. [prunelie].
Acacia [acacia].

Com quaesquer destas especies se deverá plantar, segundo as circumstancias e as localidades, o junco, a silva, a çarça, o tojo, e muitas outras que ajudam a formar o balseado. Nos campos desabrigados, e mais sujeitos ás impressões do vento, convirá preferir as plantas que formam maior altura, como a canna, o loureiro, o carrapateiro, e outros que prestam melhor abrigo. Nas localidades em que houver melhor industria, e consummo productivo, convirá preferir o marmelleiro, a romeira, o sabugueiro, a silva femea que produz amoras, a ameixeira brava, e outras que fructificam. O espinheiro alvar, ou pilriteiro [aubepine], alem de ser um arbusto formoso que alegra, regala o olfato com suas flores odoríferas: a esteva, que não regeita o terreno mais ingrato, e que resiste á sequidão e temperatura abrazadora do Alemtejo, embalsama o ar na primavera, e no estio com suas flores e folhagem aromatica.

Uma recommendação porem devemos aqui consignar, util aos cultivadores e proprietarios que se servirem desta especie de tapumes; e é que elles tem tambem seu genero proprio de cultura, e não podem ser abandonados ao desleixo, muito commum na nossa terra. O que ordinariamente se vê é deixar crescer e estender á vontade as arvores e arbustos das sebes e valados, o que produz muitos inconvenientes, como são, comer demasiado a substancia do solo alargando suas raizes, assombrar as searas e os fructos da terra, prestar asylo e criação aos passaros, bichos, e animaes damninhos,

alem da deformidade desagradavel de um balseado informe e desigual. Indispensavel é portanto que os cultivadores se próvam d'uma tizoura de jardineiro para irem aparando e dispoendo os arbustos, em quanto tenros, a formarem fila direita e aprumada. Devem igualmente revestir e encher os vasioes ou lacunas com a nova plantação, tapar os boeiros ou foramines que lhes fazem os bichos, e puxar a terra para a raiz das plantas. Estas precauções se tomam na estação morta, isto é, no inverno, quando os trabalhos do campo cessam.

J. da C. N. C.

Reccita para fazer tinta verde d'escrever. — Deitem n'uma panella pequena, ou tacho, de barro vidrado, meio quartilho d'agua com duas onças de verde de moído: façam ferver o mixto por espaço de meia hora, mexendo-o sempre com um cavaco, depois juntem-lhe uma onça de cremor de tartaro, e cõem o liquido. que porão novamente ao lume até ficar em duas terças partes. Esta tinta serve perfeitamente para escrever, como as vulgares, preta ou encarnada.

Aguaes combustiveis. — Citam-se muitas fontes que tem a singular propriedade de lhes pegar fogo nas aguaes, como se fossem materiaes combustiveis; e a verdade é que ardem como os licôres alcoolicos, ou os oleos. Presume-se que algumas contém gazes de sua natureza inflammaveis, emanados de minas de ferro, de cobre, de zinco e de estanho, dissolvidos pelos acidos muriatico e sulphurico; e que outras se acham impregnadas de bitumes, principalmente de naphta e petroleo (*), materiaes que fluctuam acima d'agua, e ardem no meio della, como o pez e o alcatrão.

À primeira classe pertence o lago ardente da Islandia, que é provavel se tenha muitas vezes inflammado espontaneamente, queremos dizer sem intervenção externa, e por combustão produzida pela combinação e effervescencia dos materiaes, que nelle superabundam. — Ha pouco, descobriu-se na Carolina [União Americana] uma fonte que fornece gaz sufficiente para allumiar uma povoação; para o que é bastante encaminhar tubos ou canos derivados do manancial para as casas particulares. (:)

Na segunda classe estão as fontes bituminosas. A mais celebre é a de Balaghan, na Asia; pois que fornece diariamente 500 libras de naphta. A pouca distancia das margens do famoso Tigris acha-se o bitume em tal abundancia, que apesar de recolherem muito, vai parte delle para o rio, onde voga á tona d'agua; quem por ahí navega faz ás vezes seus fogos de S. João, pondo fogo a essas parcelhas, quando tem vento e corrente de feição que sem perigo o possam fazer, porque a tão larga extensão se póde communicar que appresenta aos espectadores a vista de um rio incendiado.

PARA não offendermos em nossos escriptos a opinião publica dos contemporaneos expomo-nos a figurar de tolos e ignorantes na posteridade.

(*) Vide sobre estas duas substancias a pag. 239 do vol. 1.º da 1.ª Serie.

(:) E' Fredonia, na Nova-Yorck; vid. pag. 280 — vol. 5.º da Serie 1.ª